

DOSSIÊ: REFUNDAR O PENSAMENTO URBANO-REGIONAL LATINO-AMERICANO: ENTRE VARIEGAÇÃO, NEGAÇÃO E CONSTITUIÇÃO

RESENHA: UMA VIAGEM AO PENSAMENTO SOBRE A CIDADE LATINO-AMERICANA EM TEMPOS DE SOBERANIA

REVIEW: A JOURNEY INTO THE THOUGHTS CONCERNING THE LATIN AMERICAN CITY IN TIMES OF SOVEREIGNTY

Ana Claudia Veiga de Castro*

*Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design, São Paulo, SP, Brasil

GORELIK, A. *La ciudad latinoamericana: una figura de la imaginación social del siglo XX*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2022. 423 p.

GORELIK, A. *A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX*. Trad. José Carlos Huapaya Espinosa. Salvador: Edufba, 2024. 483 p.

Ler o livro *A cidade latino-americana* constitui um longo percurso ao fim do qual o viajante constata que há muito para se conhecer sobre este vasto território chamado América Latina. Ao descortinar uma miríade de episódios vinculados à questão urbana (expressão que ganhou um sentido particular a partir da obra homônima de Manuel Castells publicada em 1972), mobilizados não como estudos de caso ou exemplos, mas como “nós de imaginários e debates transnacionais que foram assumidos como latino-americanos” (Gorelik, 2024, p. 25), o livro logra dar inteligibilidade a todo um campo de pensamento (e ação) que se configurou no subcontinente entre as décadas de 1940 e 1970. A partir da “cidade latino-americana” compreendida como uma figura central da imaginação social no século XX – como o subtítulo aclara –, esses episódios são alinhavados por uma tese forte.

Gorelik defende que, no segundo pós-guerra – em especial nas quatro décadas em que o mundo viveu as possibilidades de um Estado de bem-estar que parecia se consolidar na Europa e ser ao menos ensaiado na América Latina –, as representações sobre o passado e o presente do território latino-americano, que incidiam nos rumos para a construção de seu futuro, foram pautadas pela questão urbana, na medida em que a cidade (ou a urbanização) se tornava “indistinguível

das noções de modernização e desenvolvimento, e as três juntas ocuparam uma parte decisiva da conversação pública, dos programas políticos e intelectuais e dos temários estatais” (Gorelik, 2024, p. 24). Ora, é esse debate, travado por intelectuais – acadêmicos, técnicos, *policy makers* e até mesmo artistas – atuantes nas mais variadas instituições, nos âmbitos local, nacional e supranacional, que o livro aborda com inteligência e sagacidade.

Trata-se da conclusão de uma investigação de fôlego, elaborada ao longo de pelo menos duas décadas, nas quais o autor percorreu uma série de arquivos e bibliotecas e dialogou com pesquisadores na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa, realizando entrevistas e manejando informes, relatórios, periódicos e livros publicados na época, cotejados com uma extensa bibliografia sobre os caminhos do pensamento urbano latino-americano.¹ Para dar conta de todo um continente, essa bibliografia, muitas vezes circunscrita às fronteiras nacionais, é justaposta para identificar e recompor discussões contemporâneas que não se limitaram ao contorno dos mapas, analisando-se os sentidos daquilo que foi chamado de “latino-americano”: não uma essência constituída em tempos imemoriais, nem um pretense *éthos* marcado por um emaranhado cultural pré- e pós-colonização, mas uma categoria do pensamento cuja produtividade, diante das condições materiais que a sustentaram, é flagrante naqueles anos (o que poderia ser comprovado pela sua perda de centralidade a partir da década de 1980).

É verdade que o percurso que acompanhamos nesse livro havia começado antes. Os interessados no campo da história urbana que leram “A produção da ‘cidade latino-americana’” (Gorelik, 2005a) ou “La aldea en la ciudad: ecos urbanos de un debate antropológico” (Gorelik, 2008) – para lembrar dois artigos que circularam amplamente – já haviam tido a chance de conhecer algo dessa reflexão. Contudo, o livro não apenas retoma hipóteses já esboçadas, mas, levando a sério o prisma urbano como chave de leitura, concretiza uma multidimensional e multidirecional cartografia do pensamento social na América Latina.

Ao revistar a intensidade política, econômica e cultural das transformações urbanas no momento em que fluxos migratórios do campo para as cidades ganharam proporções nunca vistas e consolidaram na América Latina dos anos 1960 um dos processos de urbanização mais rápidos e violentos da história, Gorelik evidencia como e por que a cidade se tornou a pauta central dos principais debates das Ciências Sociais, levando à sistematização daquilo que, dali em diante, seria chamado de “estudos urbanos”. Unindo as várias disciplinas que desde antes contribuía-

1. Diferentemente da versão original argentina (impressa), o livro publicado em português contém a listagem bibliográfica, bem como um alentado índice onomástico com quase setecentos nomes.

individualmente para o entendimento das cidades, os estudos urbanos passam a incluir olhares retrospectivos para a história, a dimensão mais propriamente geográfica dos territórios, os desejos etnográficos da Antropologia, as possibilidades de sistematização da Sociologia e de previsão de cenários da Demografia, o sentido quase etimológico ligado à pólis que funda a política e mesmo a dimensão projetiva do urbanismo (da Arquitetura, em algum sentido) e do planejamento, alimentando-se também das contribuições de artistas, escritores, fotógrafos, cineastas, músicos e todos que então tomavam a cidade como objeto de atenção.

Nesse sentido, a noção de cidade latino-americana é ela mesma uma interpretação desse momento em que a cidade teria condensado expectativas de desenvolvimento, de modernização, de emancipação e até mesmo de justiça social. Na figura da viagem, metáfora que ordena essa construção intelectual de maturidade, também se redefine o que muitas vezes foi tratado na história do urbanismo como “circulação de ideias”, indo além da figura de linguagem para sublinhar a dimensão concreta do trânsito intelectual, por meio de estruturas institucionais e geopolíticas, lidando tanto com noções hoje quase rechaçadas (como a de “influência”) quanto com aquelas que vêm ocupando os debates contemporâneos (como a categoria “transnacional”). Vejamos aqui algo desse percurso.

O prólogo funciona como um roteiro da viagem, o “diário de bordo” que permite ao leitor seguir os caminhos da pesquisa. Na edição em português, um segundo prólogo destaca a importância das interlocuções brasileiras, desde uma primeira passagem pelo atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP) em 2007² até a publicação de outra obra também preocupada com a América Latina (ainda que em outros termos): *Ciudades sudamericanas como arenas culturales* (Gorelik; Peixoto, 2016), organizada em parceria com a antropóloga brasileira Fernanda Peixoto e que em alguma medida pode ser lida como coda ao capítulo final do livro.

2. Àquela altura, um departamento da Escola de Engenharia de São Carlos, que, sob liderança do arquiteto Carlos Martins, funcionava como um dos “nós de pensamento” sobre a arquitetura brasileira e latino-americana, remetendo a diálogos iniciados ainda na década de 1990 e sintetizados no número 6 da revista *Block* (LIERNUR, J. F. (Ed.). Tercer Mundo. *Block*, n. 6, Universidad Torcuato Di Tella: Buenos Aires, mar. 2004.). Aos interessados em se aprofundarem nesse percurso intelectual, indico a entrevista realizada por Joana Mello e por mim em 2007 e publicada na revista do Cebrap dois anos depois, na qual algo dessa reflexão anterior pôde ser debatido em uma conversa que pretendia discutir essa trajetória desde os anos de formação na Universidad de Buenos Aires (CASTRO, A.; MELLO, J. Cultura urbana sob novas perspectivas – entrevista com Adrián Gorelik. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 84, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000200013>. Acesso em: 29 fev. 2025). Em 2020, essa entrevista teve uma atualização (CASTRO, A.; MELLO, J. Cidade, cultura e historiografia na América Latina. In: LIRA, J. et al. (Orgs.). *Arquitetura e escrita: relatos do ofício*. São Paulo: Romano Guerra Editores, 2023).

A estrutura simétrica evidencia a ideia de um esquema interpretativo, mais do que uma história urbana ou intelectual *stricto sensu*. Apresentado na abertura (“O ciclo da cidade latino-americana”), o esquema anuncia que tal ciclo teria tido duas fases: a primeira, associada ao otimismo desenvolvimentista e à racionalidade do planejamento, tomou a cidade como o principal agente da mudança social; a segunda, marcada pela radicalização política e pela crítica dependentista, viu a cidade cada vez mais como fator de reprodução do subdesenvolvimento. O que está em jogo, convém notar, não é o que aconteceu nas cidades latino-americanas naqueles anos, mas como e por que a cidade se tornou o horizonte privilegiado do pensamento no segundo pós-guerra e de que maneira – e com quais consequências – esse horizonte transformou-se radicalmente no final dos anos 1970. Em suas quatro partes (abertura, encerramento e dois blocos centrais de cinco capítulos cada), a obra percorre o ciclo completo de pensamento da cidade latino-americana, e em cada uma delas o argumento central é reelaborado pela análise de determinados episódios.

Um dos méritos do livro está em explicitar o papel dos Estados Unidos como “outro” constitutivo da imaginação urbana latino-americana ao longo do século XX sem ceder a representações simplificadoras. Longe de aparecer apenas como potência externa ou agente de influência difusa, a outra América é tratada ao longo da obra como presença estruturante cuja atuação – institucional, técnica, financeira e ideológica – atravessa de maneira decisiva esse ciclo da cidade latino-americana. Sem dispensar o reconhecimento dos diálogos Sul-Sul, que foram fundamentais para o surgimento daquele pensamento (algo que apenas mais recentemente vem sendo enfrentado na nossa historiografia³), e reconhecendo uma produtiva triangulação com a Europa, os Estados Unidos ocupam posição central na argumentação. Nessa relação de mão dupla, fundou-se um campo de trocas assimétricas no qual circulação, apropriação e resistência foram combinadas de modos variados. Ao reconhecer o “contexto de ‘mútua sedução’ entre os Estados Unidos e a América Latina” (Gorelik, 2024, p. 62), no qual os primeiros foram simultaneamente modelo, ameaça, interlocutor privilegiado e mediador, Gorelik torna evidente o lugar ambivalente do país que, quer queiramos ou não, contribuiu para definir o próprio contorno da América Latina como unidade problemática.

É, pois, nessa tensão com os Estados Unidos – eles também assombrados pelo seu outro, a União Soviética, nos anos da Guerra Fria – que se consolidam tanto as agendas desenvolvimentistas (marcadas pela difusão de técnicas de planejamento,

3. Não posso deixar de notar aqui o importante livro organizado por Marco Aurélio de Filgueiras Gomes ainda em 2009 (GOMES, M. A. de F. *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960*. Salvador: Edufba, 2009).

de modelos institucionais e de programas de assistência) quanto posteriormente as críticas dependentistas e os projetos de autonomia intelectual e política que levariam a promessas emancipatórias cada vez mais radicais, desencadeando, vale dizer, contramovimentos reacionários evidenciados pelos golpes militares em tantos países da América Latina. Se a persistência de um sentimento anti-imperialista é notável ao longo do ciclo, também é evidente a impossibilidade de ignorar o magnetismo exercido pelo país norte-americano.

Os Estados Unidos são lidos, portanto, como uma espécie de coprodutor do campo intelectual latino-americano. Nessa dinâmica, um território em particular condensou muitas das estratégias em jogo: Porto Rico. Configurando-se como nó estratégico das rotas pan-americanas, a ilha teria ocupado uma posição institucional e política singular que lhe permitiria atuar simultaneamente como parte dos Estados Unidos e, em alguma medida, da América Latina. Nessa condição ambígua – nem plenamente soberana nem simplesmente colonial –, Porto Rico se torna uma plataforma privilegiada para a observação da mediação entre o pensamento urbanístico norte-americano e os projetos de modernização latino-americanos. A partir dali se difundiram modelos, categorias e práticas de planejamento urbano e regional que, segundo o autor, teriam sido fundamentais para estruturar “o ciclo de pensamento da cidade latino-americana”, por meio de redes institucionais, programas de cooperação técnica e da própria circulação de especialistas.

Nesse sentido, a centralidade atribuída a Porto Rico decorre de sua capacidade de funcionar como laboratório e interface, onde a hegemonia norte-americana pôde se traduzir em linguagem técnica e reformista. Figuras como Rafael Picó, planejador urbano que em 1956 fundou em Porto Rico a Sociedad Interamericana de Planificación (Siap) (outro “nó de pensamento” fundamental), encarnaram essa ambiguidade ao serem lidos simultaneamente como agentes centrais do reformismo urbano continental e como alvo de críticas entre os que os identificavam como representantes de interesses imperialistas. Compreender o papel da ilha nesse contexto de debates e disputas em torno dos rumos da modernização permite escapar tanto da leitura celebratória do planejamento quanto da interpretação reducionista baseada na denúncia do imperialismo cultural, apreendendo-se a complexidade histórica da produção intelectual (mas também material) da cidade latino-americana.

Por isso a necessidade de os termos utilizados nos discursos não serem tomados em sentido único, sendo neste livro historicizados à exaustão, a partir de elementos concretos daquela mesma produção intelectual. Gorelik chama a atenção para os significados distintos que assumiam palavras então correntes (e hoje muitas vezes naturalizadas), dependendo do contexto em que eram mobilizadas

e de quem as enunciava. Diante da Doutrina Truman, o sentido de “desenvolvimento” como noção intrinsecamente ligada à ideia de “modernização” (diz o autor, apoiado em Habermas e em Cullather) progressivamente deixa de ser o de “processo contingente que se desdobra dentro de uma história local específica com suas próprias regras e tempos para se converter em um dispositivo técnico-econômico acumulativo *que um país aplica sobre outro* [...] quando a modernização se converteu em um instrumento da estratégia da Guerra Fria” (Gorelik, 2024, p. 65, grifo do autor). Retomando essa discussão ao longo dos capítulos para demonstrar os argumentos, o autor indica que o interesse está em perceber como naquela guerra ideológica o desenvolvimento, paradoxalmente, não assumiu um lado, tornando-se uma “noção universal”. É isso o que o teria esvaziado de seus sentidos, passando a ser compreendido como uma espécie de “técnica rival para alcançar o progresso econômico” (apud Gorelik, 2024, p. 65), como diz Tulio Halperín Donghi em seu livro *História contemporânea da América Latina*, publicado em 1969, também de certo modo produto daqueles debates.

Na primeira parte de *A cidade latino-americana* (intitulada “Pelo caminho da etnografia: a aldeia, do campo à cidade”), o enfrentamento dos problemas da *vivienda* é apresentado por meio de determinados acontecimentos que reafirmam o ciclo do pensamento nas Ciências Sociais e na Arquitetura e Urbanismo. Partindo do debate da antropologia norte-americana sintetizado nas fórmulas “*continuum rural-urbano*” e “cultura da pobreza” (“Transições: a polêmica Redfield/Lewis”), verificamos o caminho intelectual da discussão sobre a transformação dos migrantes rurais em pobres urbanos e, nisso, o modo como a favela – esse objeto privilegiado da pesquisa na América Latina – vai ser encarada de maneiras distintas.

Nos capítulos seguintes, a produtividade da dimensão comparada fica mais evidente para o entendimento do sentido de “latino-americano”, seja nos debates que tiveram lugar em um seminário organizado em 1959 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) – agência que foi um dos nós mais produtivos do pensamento latino-americano – e que mostram como os efeitos da urbanização no subcontinente começavam a ser lidos (“1959: o estado do debate na América Latina”); seja nas radicalizações pós-Cuba, que apontavam para um horizonte socialista e permitiram que favelados, *villeros* e *pobladores* fossem compreendidos como protagonistas de uma ação que poderia ir muito além da ocupação de terras (“De volta à cidade: o *self-help* se radicaliza, a *barriada* se urbaniza”). Tais personagens, ao entrarem em cena (para lembrar do clássico livro de Eder Sader), tiveram um papel central na transformação do pensamento, ao lado da Igreja católica e de seus intelectuais militantes. O modo como Gorelik articula

episódios, alguns mais, outros menos conhecidos, da história urbana e das Ciências Sociais na América Latina, permite perceber convergências e concomitâncias mas também divergências e oposições que nos encaminham, ao fim da leitura, a uma nova agenda de pesquisa.

Destaco, nesse sentido, o capítulo “Interregno [semi]rural: o Cinva e a ‘ação comunal’”, no qual o Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (Cinva) – fundado em Bogotá em 1951 por iniciativa da Organização dos Estados Americanos (OEA) e marcado pela presença de intelectuais latino-americanos em postos-chave, como o arquiteto argentino Ernesto Vautier, a assistente social brasileira Josephina Albano e o antropólogo colombiano Orlando Fals Borda –, é analisado pelo prisma de seus programas de melhoramento de vivendas rurais, abrindo uma espécie de intervalo na discussão urbana. Ao debater as diferentes concepções de desenvolvimento, urbanização e modernização ali implicadas, Gorelik provoca uma revisão crítica dos sentidos atribuídos ao rural e ao urbano no contexto latino-americano, evidenciando categorias que foram mobilizadas de modo hierárquico e excludente. O Cinva, que até recentemente era pouco referenciado nos debates sobre planejamento (ao menos no Brasil), vem sendo hoje estudado por diferentes pesquisadores (Montoya Pino; Ramírez Nieto; Aravecchia-Botas, 2024). Nesse contexto, foi realizada recentemente na Universidade de São Paulo a mostra “Campo e cidade na América Latina”, buscando problematizar a oposição historicamente construída, especialmente na Arquitetura e Urbanismo, entre os termos “campo” e “cidade”. Em diálogo com a obra de Gorelik, mobilizando documentos e experiências vinculados ao acervo do Cinva e diante dos desafios geopolíticos, climáticos e mesmo acadêmicos do presente, a curadoria buscou, com essa exposição, convocar arquitetos e urbanistas (e tantos outros profissionais envolvidos na produção do território) a repensarem sua práxis.⁴

Na segunda parte do livro, “Sob o signo do planejamento”, outros cinco capítulos refazem o ciclo a partir de pontos de observação que focalizam, como o título indica, as ações de planejamento. Ao recuperar formas e escalas distintas de ordenamento territorial e desenvolvimento regional – como foi o caso dos planos de bacia na Argentina e no Brasil, em diálogo com a experiência da Tennessee Valley Authority (TVA) – e colocar à prova o lugar estratégico de Porto Rico (nos capítulos

4. Inaugurada em novembro de 2025 no Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo (CEUMA-USP), durante a realização do IV Congresso Ibero-americano de História Urbana (“Territórios ibero-americanos em um mundo multipolar”), a mostra teve como curadores os pesquisadores: Nilce Aravecchia-Botas, Eduardo Verri, Beatriz Barsoumian, Juliana Ramos e Mateus Bonini, vinculados à mesma universidade (JAJAMOVITCH, G. Campo e cidade na América Latina. *Otra Parte*, Buenos Aires, 2025. Disponível em: <https://www.revistaotraparte.com/arte/campo-e-cidade-na-america-latina/>. Acesso em: 25 jan. 2026).

“As formas do regionalismo: bacias hidrográficas” e “O ‘conceito Porto Rico’: do planejamento integral ao polo de desenvolvimento”), Gorelik mostra o quão frutífero é seu diálogo com pesquisas realizadas nas últimas décadas. Nesse sentido, a mobilização do trabalho *A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai: do planejamento de vale aos polos de desenvolvimento* (Chiquito, 2017) é um exemplo notável de como o autor avança na reflexão pela leitura interessada da produção científica contemporânea, realizando o diálogo Sul-Sul hoje tão invocado na nossa academia.

No desenho simétrico da obra, o “interregno” da primeira parte é rebatido no “desvio” por Brasília, tema caro ao autor – que desde seu texto publicado no livro *Das vanguardas a Brasília* (Gorelik, 2005b) analisou esse episódio-síntese do movimento moderno em ensaios apaixonados – e que é retomado aqui à luz do debate do planejamento e do lugar da arquitetura moderna no continente (“Desvio” pela arquitetura). Mas talvez sejam os episódios pré- e pós-revolucionários de Santiago e Cuba, numa América Latina que ousou pensar e viver com autonomia e dignidade, analisados no capítulo “Retornos do Sul: vicissitudes da trama institucional em tempos turbulentos”, que nos façam pensar mais no estreitamento de horizontes que vivemos hoje.

Fechando o ciclo e o livro, em “Companheiros de viagem”, o autor percorre os avatares de uma crítica cultural que foi se constituindo ao longo do próprio ciclo e mostrou sua produtividade já quando este chagava ao fim. Sem esconder o fascínio por três intelectuais que pensaram a América Latina – Richard Morse, José Luis Romero e Ángel Rama (um norte-americano, um argentino e um uruguaio) –, Gorelik discute os limites da perspectiva sociológica e cientificista que pautara a crítica urbana até ali. A retomada culturalista em um mundo que logo viveria o fim do socialismo real e os avanços do neoliberalismo é lida em germe nas obras *Latinoamerica: las ciudades y las ideas* (Romero, 1976) e *La ciudad letrada* (Rama, 1983), precedidas pelo curto ensaio “La ciudad artificial” (Morse, 1957), escritas por figuras a um só tempo protagonistas e intérpretes daquele ciclo.

Ao se demonstrar a importância daquele momento da história da América Latina – quando, cientes de seus papéis na construção nacional e regional, as elites intelectuais (e políticas) os exerceram de maneira empenhada na construção de uma região soberana e independente –, nomes como Raúl Prebisch, Celso Furtado, Jorge Ahumada, Anhaia Mello, Carlos Raúl Villanueva, Jorge Enrique Hardoy, Milton Santos, Aníbal Quijano, Belaúnde Terry, Juscelino Kubitschek, Eduardo Neira, Osvaldo Sunkel, Miguel Alemán, Perón, Matos Mar, Camilo Torres, Dom Hélder Câmara, Mario Pani, Paulo Freire, Allende, Gino Germani, Perez Gimenez, Affonso Eduardo Reidy, Eduardo Frei, Jorge Eliécer Gaitán, entre tantos outros, surgem na obra como protagonistas de ações que pretendiam modificar o modo

como o território era visto pelo restante do mundo. E, como interlocutores de figuras tão diferentes como Franklin D. Roosevelt, Padre Lebret, Oscar Lewis, Nelson Rockefeller, Rexford Tugwell, Manuel Castells, Roger Vekemans, Philipp Hauser, Francis Violich, John Friedman, John Turner e outras, desenharam não só o campo do pensamento, mas incidiram na forma como o continente foi (e é) vivido.

Em tempos de Donald Trump e de ações imperialistas e operações militares que até pouco tempo pareciam já não fazer mais sentido, conhecer as disputas em torno dos distintos projetos de desenvolvimento para uma região que buscou se afirmar como um bloco geopolítico soberano – e reconhecer os limites sem esquecer os avanços de um pensamento que foi muito além da promessa – parece hoje mais que necessário. *Avanti*.

Referências

- CASTELLS, M. *La question urbaine*. Paris: Maspero, 1972.
- CHIQUITO, E. A. *A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí: do planejamento de vale aos polos de desenvolvimento*. São Paulo: Editora Alameda, 2017.
- GORELIK, A. A produção da “cidade latino-americana”. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 111-33, 2005 [2005a]. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/en/article/view/12456/14233>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- GORELIK, A. Brasília: o museu das vanguardas – 1950 e 1960. In: GORELIK, A. *Das vanguardas a Brasília*. Cultura urbana e arquitetura na América Latina. Trad. Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005 [2005b].
- GORELIK, A. La aldea en la ciudad: ecos urbanos de un debate antropológico. *Revista del Museo de Antropología*, Córdoba, v. 1, n. 1, p. 73-96, dic. 2008. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/antropologia/article/view/5398>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- GORELIK, A. *La ciudad latinoamericana: una figura de la imaginación social del siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2022.
- GORELIK, A. *A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX*. Trad. José Carlos Huapaya Espinosa. Salvador: Edufba, 2024.
- GORELIK, A.; PEIXOTO, F. (Orgs.). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.
- MONTOYA PINO, A. P.; RAMÍREZ NIETO, J. V.; ARAVECCHIA-BOTAS, N. C. (Eds.), *Cinva: un proyecto latinoamericano 1951-1972*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2024.
- MORSE, R. La ciudad artificial. *Estudios Americanos*, Sevilla, v. 12, n. 67-68, p. 284-93, 1957.
- RAMA, A. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1983.
- ROMERO, J. L. *Latinoamerica: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.
- SADER, E. *Quando os novos personagens entram em cena – experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo: 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Ana Claudia Veiga de Castro

Arquiteta e urbanista, doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU-USP), onde é professora do Departamento de História e Estética do Projeto desde 2014. Atualmente é diretora do Centro Universitário Maria Antonia da USP. Autora de *Um americano na metrópole latino-americana: Richard Morse e a formação de São Paulo (1954-1970)*, entre outros.

Email: anacvcastro@usp.br

ORCID: 0000-0001-9922-9806

Informações sobre o uso de Inteligência Artificial

- a) Busca, sistematização e organização final de referências: Não.
- b) Organização de bancos de dados e respectiva elaboração de quadros, tabelas e gráficos: Não.
- c) Revisão final do texto para aprimoramento de gramática e ortografia, para atender a norma culta: Não.

Dados Abertos

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Submissão: 1º de fevereiro de 2026.

Aprovação: 20 de fevereiro de 2026.

Editores: Maria do Livramento Miranda Clementino, Rodrigo José Firmino e Sara Raquel Fernandes Queiroz de Medeiros.

Editores do Dossiê: Jeroen Johannes Klink, Victor Ramiro e Guillermo Jajamovich.

Como citar: CASTRO, A. C. V. Resenha: uma viagem ao pensamento sobre a cidade latino-americana em tempos de soberania. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. v. 28, E202618, 2026 DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202618>.

Artigo licenciado sob Licença Creative Commons CC BY 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR